

## IMPÉRIO, MULTIDÃO E STAR TREK

Jean Raphael Zimmermann Houllou<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo visa apresentar cenas de dissenso dentro do seriado *Star Trek* produzido num contexto de transição de uma ordem imperialista para o atual Império contemporâneo. A pesquisa realizada com os episódios da série demonstrou que sua narrativa encontrou consonância com a vontade da multidão em frear o exercício da antiga soberania europeia.

*Palavras-chave:* *Star Trek*. Multidão. Império. Dissenso.

## EMPIRE, MULTITUDE AND STAR TREK

*Abstract:* This article aims to present dissensus scenes in the *Star Trek* series. This TV show was produced in a transition context of an imperialist order for the current contemporary Empire. The survey of the episodes of the series showed that his narrative found consistent with the will of the multitude in to break the exercise of the imperialism and his wars.

*Keywords:* *Star Trek*. Multitude. Empire. Dissensus.

### Surgimento do império

Ao analisarem as questões geopolíticas contemporâneas, Hardt e Negri (2000, p. 11) afirmam que junto “[...] com o mercado global e com circuitos globais de produção surgiu uma nova ordem global, uma nova lógica e estrutura de co-

---

<sup>1</sup> Professor de História do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Endereço eletrônico: Jean.raaphael@ifsc.edu.br.

mando — em resumo, uma nova forma de supremacia [...]”, que passou a governar o mundo de forma diferente da ordem moderna europeia. Tal ordem carrega novos valores, assim como formas específicas de funcionamento e controle social, cuja substância política, os autores chamam de Império:

A transição para o Império surge do crepúsculo da soberania moderna. Em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras. As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e mesclaram, num arco-íris imperial global (HARDT; NEGRI, 2000, p. 12).

Características dessa forma diferenciadas de supremacia, antes de assumirem um caráter global a partir da segunda metade do século XX, tiveram sua origem nas ideologias dos fundadores dos Estados Unidos da América. Segundo Hardt e Negri (2000), a soberania moderna de origem europeia pressupunha a transferência do poder da sociedade para algo transcendente, como a figura do Leviatã na obra de Thomas Hobbes:

Porque pela arte é criado aquele grande LEVIATÃ a que se chama REPÚBLICA, ou ESTADO (em latim Civitas), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado. E no qual a soberania é uma alma artificial, pois dá vida e movimento ao corpo inteiro [...] (HOBBS, 2003, p. 11).

A soberania do projeto constituinte dos Estados Unidos da América, ao contrário, propiciava uma interação democrática dos poderes reunidos em redes. Em função dessa interação, a autoridade deve permanecer dentro da sociedade. No projeto americano, o poder era proposto como algo imanente, que se constituía a partir da sinergia das forças produtivas e não pelo seu regulamento. Podemos observar a defesa dessa nova forma de soberania na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América escrita por Jefferson (1776):

That to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the governed, — That whenever any Form of Government becomes destructive of these ends, it is the Right of the People to alter or to abolish it, and to institute new Government, laying its foundation on such principles and organizing its powers in such form, as to them shall seem most likely to affect their Safety and Happiness.<sup>2</sup>

Observemos, ainda, as palavras de Hardt e Negri (2000, p. 181), segundo os quais:

O que aqui toma forma é uma idéia extraordinariamente secular e imanentista, apesar da profunda religiosidade que perpassa os textos dos Pais Fundadores. Constitui uma idéia que redescobre o humanismo revolucionário da Renascença e o aperfeiçoa como ciência política e constitucional. O poder pode ser composto por toda uma série de poderes que se regulam a si próprio e se organizam

---

<sup>2</sup> Nossa tradução: Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados, - Que sempre quando qualquer forma de governo se tornar destrutiva de tais fins, é Direito do Povo alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar a Segurança e a Felicidade.

em redes. A soberania pode ser exercida dentro de um vasto horizonte de atividades que a subdividem sem negar sua unidade e que a subordinam continuamente ao movimento criativo da multidão. [...] Em oposição às modernas concepções europeias de soberania, que consignam o poder político a um reino transcendente, e com isso afastam e alienam as fontes de poder da sociedade, aqui o conceito de soberania se refere a um poder inteiramente dentro da sociedade. A política não se opõe à sociedade, antes a integra e completa.

Uma segunda característica da constituição dos Estados Unidos apresentou um ponto de contradição com relação à primeira. Hardt e Negri (2009) afirmam que a soberania americana assumiu o papel de controlar a multidão plural e garantir a propriedade privada. Hardt e Negri (2000) conceituam como multidão uma força coletiva capaz de se opor à ordem capitalista contemporânea. Tal conceito é trazido da obra do renascentista Baruch de Espinosa (2009). Em seu texto, *Tratado Político*, Espinosa aponta como a multidão se constitui antes do soberano e conserva uma liberdade compartilhada que não poder ser transferida a ele, permanecendo como um possível ameaça ao poder instituído.

É, além disso, certo que cada um prefere governar a ser governado. Ninguém, com efeito, concede voluntariamente o estado a outrem, conforme diz Salústio no primeiro discurso a César. É, por isso, claro que uma multidão inteira nunca transferiria o seu direito para uns poucos, ou para um só, se pudesse pôr-se de acordo entre si e se das controvérsias que tão frequentemente se desencadeiam nos grandes conselhos não se passasse às revoltas. A multidão, portanto, só transfere livremente para um rei aquilo que é absolutamente impossível ela própria ter em seu poder, ou seja, o dirimir as controvérsias e o decidir de forma expedita. [...] quão imprudentemente muitos se esforçam por

remover um tirano, quando as causas pelas quais o príncipe é tirano não podem ser removidas e, pelo contrário, elas se impõem tanto mais quanto maior causa temer se lhe oferece, como acontece quando a multidão mostra exemplos aos príncipes e se vangloria do parricídio como de uma coisa bem feita (ESPINOSA, 2009, p. 46-90).

O conceito é lido na contemporaneidade por autores como Virno (2002), para quem a multidão se diferencia da concepção hobbesiana de povo, o qual elege um Uno para unificá-lo e comandá-lo. A multidão parte de um Uno, que são as características genéricas da humanidade, ao invés de instituí-lo. Dessa forma, ela pode se apresentar como uma pluralidade que permanece como tal na cena pública sem negar o caráter individual dos que a compõe. Segundo Virno (2002), Marx já havia se referido a essas características genéricas em textos de sua juventude. Podemos observar como Marx (2004, p. 84) se refere à existência humana em geral:

A vida genérica, tanto no homem quanto no animal, consiste fisicamente, em primeiro lugar, nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, e quanto mais universal o homem [é] do que o animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive. Assim como plantas, animais, pedras, ar, luz, etc, formam teoricamente uma parte da consciência humana, em parte como objetos da ciência natural, em parte como objetos da arte — sua natureza inorgânica, meios de vida espirituais, que ele tem de preparar prioritariamente para a fruição e para a digestão —, formam também praticamente uma parte da vida humana e da atividade humana.

Para Hardt e Negri (2000), a multidão aparece como uma força social capaz de minar as estruturas da ordem contemporânea, gerando uma forma de organização que dis-

pense qualquer transferência de poder para formas de soberania.

Como escrevem Hardt e Negri (2009, e-book): “Several different conceptions of republic, as we saw earlier, compete in seventeenth and eighteenth centuries, and some of these indeed refer very similar to the rule of the multitude, but only one conception — the republic of property — emerges as dominant.”<sup>3</sup> Tal questão levou a soberania americana a uma volta para a transcendência. Nesse sentido, Hardt e Negri (2000, p. 184) afirmam que “[...] depois de reconhecer esses limites internos, o novo conceito americano de soberania abre-se com extraordinária força para fora, quase como se quisesse banir a ideia de controle.” Dessa forma, uma característica da soberania americana é a tendência a um projeto expansivo num território sem limites. Em razão disso, tal soberania voltava-se, muitas vezes, para uma prática imperialista sobre outras populações como os índios na conquista do Oeste.

Hardt e Negri (2000) situam o surgimento da ordem imperial entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, quando várias organizações internacionais produtoras de normas foram construídas, como a Organização das Nações Unidas, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e organizações humanitárias. Essas organizações herdaram a concepção do poder distribuído em rede da soberania americana (HARDT; NEGRI, 2000). Além delas, a partir da segunda metade do século XX, corporações industriais e financeiras transnacionais começaram a se estruturar globalmente e a utilizar os Estados-nação como instrumentos para organizações do fluxo de capital e pessoas. A união entre o poder

---

<sup>3</sup> Nossa tradução: Várias concepções diferentes de república, como vimos anteriormente, competiram nos séculos XVII e XVIII, e algumas delas de fato se referem de forma muito semelhante às regras da multidão, mas apenas na concepção - a república da propriedade - acabava emergindo como dominante.

político e o econômico em escala global gerou a ordem imperial (HARDT; NEGRI, 2000).

A soberania global, como ensinam Hardt e Negri (2000), também permitiu que os Estados Unidos da América, por vezes, trocasse a prática imperialista pelo exercício de um papel de polícia a serviço da ordem supranacional estabelecida por tais organizações herdeiras da sua concepção de poder em rede. Nesse sentido, conforme os autores, “Há indicações de que, pelo menos no nível ideológico, as forças armadas americanas vêm ocupando nas últimas décadas uma posição ambivalente, a meio caminho entre o imperialismo e o Império.” (HARDT; NEGRI, 2009, p. 92).

Segundo Hardt e Negri (2009), as transições para o Império e seus processos de globalização e controle social, biopoder, trazem novas possibilidades para as forças de libertação da multidão. Para os autores, tais processos trouxeram à tona a concepção de um mundo no qual a multidão pode se basear ao lutar contra o controle imperial:

One primary effect of globalization, however, is the creation of a common world, a world that, for better or worse, we all share, a world that has no 'outside'. Along with nihilists, we have to recognize that, regardless of how brilliantly and trenchantly we critique it, we are destined to live in *this* world, not only subject to its powers of domination but also contaminated by its corruptions. Abandon all dreams of political purity and 'higher values' that would allow us to remain outside! Such a nihilist recognition, however, should be only a tool, a point of passage toward constructing an alternative project.<sup>4</sup> (HARDT; NEGRI, 2009, e-book).

---

<sup>4</sup> Nossa tradução: Um efeito primário da globalização, no entanto, é a criação de um mundo comum, um mundo que, para melhor ou pior, todos compartilhamos, um mundo que não tem “fora”. Como nihilistas, temos de reconhecer que, independentemente de quão

Além disso, transformações realizadas pelo Império podem ser entendidas como exigências da multidão. As estruturas imperialistas anteriores colocavam as massas dos diferentes países em oposição umas às outras. Benjamin (1987) diagnosticava como o fascismo tentava desviar as massas da revolução ao levá-las para a guerra. Várias lutas contra a exploração também se colocavam contra o nacionalismo e o colonialismo, os quais encontram sua base na concepção transcendental de Estado soberano. O Império trouxe uma ordem que se posiciona acima desses conflitos nacionalistas e por isso, conforme explicam Hardt e Negri (2000, p. 62), “Pode-se até dizer que a construção do Império e de suas redes globais é uma resposta às diversas lutas contra as modernas máquinas de poder, e especificamente à luta de classes, ditada pelo desejo de libertação da multidão.” Ainda que a soberania global tenha mantido a exploração e a propriedade privada, é uma mudança que aponta para as lutas da multidão, para os dissensos que de alguma forma negam um controle total dos dominantes.

Para Rancière (2010) o dissenso não é um mero confronto de opiniões. É a demonstração de uma falta no regime de percepção disposto no momento: o consenso. O dissenso torna visível aquilo que não tinha razão para sê-lo, troca uma classificação por outra. Por exemplo, as reivindicações operárias após a revolução industrial colocam a fábrica, anteriormente inserida apenas no espaço privado, na arena pública e possibilitam enxergar o sofrimento dado pelas condições de trabalho.

---

brilantemente ou incisivamente o criticamos, estamos destinados a viver *neste* mundo, não somente sob os seus poderes de dominação, mas também contaminados por suas corrupções. Abandonemos todos os sonhos de pureza política e “valores superiores” que nos permita ficar de fora! Tal reconhecimento nihilista, no entanto, deve ser apenas uma ferramenta, um ponto de passagem para a construção de um projeto alternativo.



Vejamos as palavras de Rancière (2012, p. 49):

Reconfigurar a paisagem do perceptível e do pensável é modificar o território do possível e a distribuição das capacidades e incapacidades. O dissenso põe em jogo, ao mesmo tempo, a evidência do que é percebido, pensável e factível e a divisão daqueles que são capazes de perceber, pensar e modificar as coordenadas do mundo comum. [...] A inteligência coletiva da emancipação não é a compreensão de um processo global de sujeição. É a coletivização das capacidades investidas nessas cenas de dissenso. É a aplicação da capacidade de qualquer um, da qualidade do homem sem qualidade.

Permanecer num regime de consenso e unidade de percepção, como aquele que desencoraja observar o que escapa da lógica do espetáculo mercantil, contribui para a afirmação do domínio sob os vencidos e reforça o perigo de sua pura entrega como instrumentos do capital, pois tente a percebê-los como incapazes. A esse respeito, leiamos a escrita de Rancière (2012, p. 67):

Consenso significa acordo entre sentido e sentido, ou seja, entre um modo de apresentação do sensível e um regime de interpretação de seus dados. Significa que, quaisquer que sejam nossas divergências de ideias e aspirações, percebemos as mesmas coisas e lhes damos o mesmo significado. O contexto de globalização econômica impõe essa imagem de mundo homogêneo no qual o problema de cada coletividade nacional é adaptar-se a um dado sobre o qual ela não tem poder, adaptar-se a ele, seu mercado de trabalho e suas formas de proteção social. Nesse contexto, desvanece-se a evidência da luta contra a dominação capitalista mundial que sustentava as formas da arte crítica ou da contestação artística.

Nossa pesquisa visa apresentar as cenas de dissenso de dentro do seriado, não com o intuito de resgatar uma realidade perdida ou de desfazer uma ilusão criada pela indústria cultural a partir de uma vontade legítima dos vencidos, mas com o objetivo de coletivizar as capacidades inseridas no dissenso como forma de emancipação no presente. É sob tal pressuposto que se estuda o seriado *Star Trek*. Acreditamos que sua narrativa apresenta a vontade da multidão em impedir o exercício da antiga soberania européia. Se a série em questão vem ao encontro de um desejo revolucionário, não podemos enxergá-la simplesmente como, nas palavras de Benjamin (1987, p. 224), “despojos atribuídos aos vencedores”, mas como testemunha das tensões que questionam a vitória da ordem dominante.

### **O Império, a multidão e Star Trek**

O seriado *Star Trek* foi transmitido em 1966, ou seja, num momento em que a política externa americana passou a tender menos para uma atividade imperialista do que para uma ação de policiamento a serviço da ordem supranacional do Império. Sua estreia se deu em oito de setembro de 1966 e seu último episódio foi transmitido em três de junho de 1969. A série foi produzida pela Desilu Productions e exibida pela NBC.

Andres (2013) afirma que Roddenberry, criador do seriado, queria transmitir sua visão de utopia ao mesmo tempo em que usava o futuro para comentar questões sociais e políticas do presente. O próprio Roddenberry afirmou que usava o seriado para enviar mensagens de cunho político e social: “[By creating] a new world with new rules, I could make statements about sex, religion, Vietnam, politics, and intercontinental missiles. Indeed, we did make them on Star Trek; we

were sending messages [...]”<sup>5</sup> (RODDENBERRY apud ANDRES, 2013, p. 641).

Parte de sua utopia era criar uma tripulação multirracional que trabalhasse de maneira harmônica. Eram parte da tripulação o meio humano e meio vulcano *Spock*, a bantu *Huhura*, o japonês *Sulu* e o russo *Checov* (ANDRES, 2013). Em um guia criado para orientar os roteiristas do seriado, a tripulação da *Enterprise* é descrita da seguinte forma por Roddenberry (1967, p. 7)

International in origin, completely multi-racial. But even in this future century we will see some traditional trappings, ornaments, and styles that suggest the Asiatic, the Arabic, the Latin etc. So far, Mister Spock has been our only crew-man with blood lines from another planet. However, it is not impossible that we might discover some other aliens or part aliens working aboard our Starship.<sup>6</sup>

Além disso, no final da primeira temporada, o seriado criou um organismo chamado de *United Federation of Planets*<sup>7</sup> que não apenas apresentava a terra unida por um mesmo poder supranacional, mas também se estendia continuamente pela galáxia.<sup>8</sup> Esse movimento de expansão não se

---

<sup>5</sup> Nossa tradução: [Com criação de] um novo mundo com novas regras, eu poderia fazer declarações sobre sexo, religião, Vietnã, política e mísseis intercontinentais. Na verdade, em *Star Trek*, nós realmente estávamos enviando mensagens [...].

<sup>6</sup> Nossa tradução: De origem internacional, completamente multi-racial. Mas, mesmo neste século futuro, vamos ver alguns tradicionais ornamentos, acessórios e estilos que sugerem o asiático, o árabe, o latino, etc. Até agora, *Spock* tem sido o nosso único homem na tripulação com linhas de sangue de outro planeta. No entanto, não é impossível que possamos descobrir alguns outros extraterrestres ou meio extraterrestres que trabalham a bordo de nossa nave estelar.

<sup>7</sup> Na legenda em português: Federação dos Planetas Unidos.

<sup>8</sup> Embora Rick Wortland (1988, p. 110) afirme que a *United Federation of Planets* apenas tenha aparecido no episódio *Errand of Mercy* (T01 E 26),

colocava como uma dominação imperialista. Ao contrário, ele se baseava no convencimento de cada planeta em integrar a Federação, ou seja, na inclusão deles numa rede de poder a exemplo da forma de operação do império contemporâneo.

Hardt e Negri (2000) entendem que, diferente do modelo imperialista, o qual delimitava claramente o espaço interior da soberania do Estado-nação e o espaço exterior a ser subjogado, o Império diminui a distinção entre interior e exterior. Dessa forma, o poder soberano não confronta um grande antagonista exterior. Ao contrário, expande suas fronteiras para envolver todo o espaço, pois

A história das guerras imperialistas, interimperialistas e antitimperialistas acabou. O fim dessa história introduziu um reino de paz. Ou, mais exatamente, entramos numa era de conflitos menores e internos. Toda guerra é uma guerra civil, uma ação policial — de Los Angeles e Granada a Mogadíscio e Sarajevo. (HARDT; NEGRI, 2000, p. 209).

É relevante observar que além da atuação militar, policial e investigativa realizada pela *Enterprise*, ela também atua em várias missões com caráter humanista, agindo de uma forma a qual poderíamos associar a uma intervenção moral. Assim, no primeiro episódio da série, *The Man Trap*, a *Enterprise* se dirige ao planeta M-113 para realizar um exame médico nos arqueólogos *Robert Crater* e sua esposa *Nancy*. Em *What Are Little Girls Made Of* (T 01 E 07) a missão da nave é tentar resgatar um cientista desaparecido, *Dr. Roger Korby*. Já em *Operation: Annihilate!* (T 01 E 29), a nave é incumbida de ajudar *Deneva*, um planeta atormentado por uma epidemia que causa loucura. *Spock* e *Dr. McCoy* encontram a cura para a doença. Em *The Galileo Seven* (T 01 E 16) a nave leva

---

na verdade, ela já é citada nos episódios *Arena* (T 01 E 18) e *Taste of Armageddon* (T 01 E 23).

suprimentos médicos ao planeta *Markus III* e em *Dagger of the Mind* (T 01 E 09), para *Tantalus*, uma colônia penal.

Por trás de uma nave estelar que pode agir de maneira ampla pelo universo, seja atuando como polícia ao prender naves sem identificação ou como organização humanitária ao levar medicamentos para locais distantes e que se percebe legitimada para intervir e impedir guerras interplanetárias, reside uma grande ordem universal que nivela todas essas missões abaixo de seu comando.

O jornalista Woody Goulart, após entrevistar Gene Roddenberry, escreveu que o autor define a *United Federation of Planets* como uma Organização das Nações Unidas idealizada dentro de uma mensagem contra a guerra:

Roddenberry admits there are hidden covert messages in the show. There's an anti-war message, with the United Federation of Planets as an ideal United Nations. The series was made from 1966-69, during the Vietnam War. But you couldn't just come out on TV and say we shouldn't be imperialistic. He did it in an allegorical way with science fiction. This is the legacy that Roddenberry made possible: TV is a producer's medium, and you don't have to resort to explicit violence and sexuality.<sup>9</sup> (GOULART, 2010).

Essa noção de uma ONU idealizada com o intuito de promover a paz guarda relação com a ordem supranacional à qual os Estados Unidos iriam aderir, em detrimento de sua

---

<sup>9</sup> Nossa tradução: Roddenberry admite que existem mensagens escondidas no show. Há uma mensagem anti-guerra com a Federação dos Planetas Unidos sendo apresentada como uma Organização das Nações Unidas ideal. A série foi feita em 1966-69, durante a Guerra do Vietnã. Mas você não pode simplesmente sair na TV e dizer que não deve ser imperialista. Ele o fez de uma forma alegórica com ficção científica. Este é o legado que Roddenberry tornou possível: TV é o meio de um produtor, e você não tem que recorrer à violência explícita e à sexualidade.

política imperialista exatamente durante a exibição do seriado? Acreditamos que sim. Salientamos que os próprios autores Hardt e Negri (2014, p. 75) sugerem, ainda que de maneira pontual, uma aproximação entre o seriado *Star Trek* e características do Império ao descreverem sua forma de guerra:

Uma terceira contradição manifesta-se no nível conceitual mais geral, na ideia de máquinas de guerra tecnológica sem corpos. Como os sonhos tecnologistas de máquinas de guerra automatizadas e sem soldados estão muitas vezes na fronteira da ficção científica, talvez seja apropriado tirarmos uma lição do capitão Kirk para ilustrar esta contradição.

Além disso, será possível observar, na narrativa seriada, elementos que denotem os anseios da multidão contra a soberania moderna e suas guerras naquele momento? Novamente, nossa resposta é afirmativa. Se Roddenberry apresenta em *Star Trek* as novas estratégias de soberania global, a qual por sua vez permite observar a posição da multidão em superar as lutas nacionalistas, o seriado acaba por carregar indícios de sua presença e de sua potência em forçar a mudança histórica. Observado dessa forma, o seriado se torna apto a apresentar as lutas da multidão que questiona a dominação. Nesse sentido, nas palavras de Didi-Huberman (2011), podemos enxergar vaga-lumes de resistências se sobrepondo aos holofotes da indústria cultural a partir de sua própria produção.

Pretendemos observar que lutas e tensões sociais daquele momento são compartilhadas com o seriado na tentativa de enxergar nessa produção cultural um passado que, como afirma Benjamin (1987, p. 224), “[...] tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história.” Ou seja, intencionamos observar o que *Star Trek* apresenta de dissenso da multidão no desenrolar da história.

## Império versus imperialismo em Star Trek

Hardt e Negri (2000) afirmam que, com a constituição do Império, a soberania dos Estados-nação entrou em declínio. Na fase anterior, a prática moderna do imperialismo europeu pressupunha que a soberania dos Estados-nação fosse estendida para além de seus territórios. As fronteiras dos Estados-nação delimitam os centros que exerciam poder sobre as colônias. Nas palavras dos autores:

O imperialismo era, na realidade, uma extensão da soberania dos Estados-nação europeus para além de suas fronteiras. Finalmente, quase todos os territórios existentes puderam ser parcelados e o mapa mundial pode ser codificado em cores europeias: vermelho para territórios britânicos, azul para franceses, verde para portugueses. Onde quer que deitasse raízes, a soberania moderna construía um Leviatã que cobria como um arco seu domínio social e impunha fronteiras territoriais hierárquicas, para fiscalizar a pureza de sua identidade e para excluir tudo o que representasse o outro. (HARDT; NEGRI, 2000, p. 12)

No Império, uma nova espécie de soberania toma forma e tende a negar as posturas imperialistas. Para responder ao desejo de superação do imperialismo e a fim de manter intactas as relações de propriedade, o Império contemporâneo uniu o poder econômico das corporações transnacionais ao poder político. Além disso, a competição entre as potências imperialistas foi substituída pela ideia de um poder que está acima delas, organizando-as numa estrutura unitária e tratando-as dentro de uma noção pós-colonial e pós-imperialista (HARDT; NEGRI, 2000). Dessa forma, a soberania dos Estados-nação perdeu espaço para um novo modelo de soberania disposta em escala global.

Em *Star Trek* também é possível observar uma clara crítica ao imperialismo. Em *The Savage Curtain* (To3 E22), por exemplo, uma raça alienígena habitante de *Excalbia* elabora

um desafio no qual *Kirk* e *Spock* são colocados para lutar junto e contra figuras históricas de seus planetas. Dessa forma, *Kirk* e *Spock* formam uma equipe juntamente com o presidente Abraham Lincoln, conhecido por sua postura contrária à escravidão, e *Surak*, o criador da filosofia pacifista *vulcana*. Contra eles, lutam inimigos descritos da seguinte forma:

Genghis Khan, for one. And Colonel Green, who led a genocidal war early in the 21st century on Earth. Zora, who experimented with the body chemistry of subject tribes on Tiburon. Kahless the Unforgettable, the Klingon who set the pattern for his planet's tyrannies.<sup>10</sup>

Embora o alienígena se refira aos dois grupos como bons e maus, respectivamente, a divisão dos personagens históricos indica que se trata de uma luta entre defensores dos valores imperiais, como a paz e a inclusão, contra líderes das antigas lutas imperialistas. Ao final, *Kirk* e *Spock* vencem a luta e afirmam para o alienígena que a diferença entre as duas filosofias está no fato de que enquanto o outro grupo queria poder, eles lutavam pela vida dos tripulantes da *Enterprise*. Obviamente no seriado, assim como no Império, os supostos estados de emergência, que se mostram constantes, são utilizados para legitimar a imposição violenta da ordem.

A mesma divisão pode ser observada no episódio *Mirror Mirror* (To2 Eo4) no qual alguns tripulantes são transportados para um universo paralelo. Nesse universo, a *Federação* assume uma postura imperialista e pretende subjugar toda a galáxia. Os cenários da *Enterprise* imperialista foram pouco iluminados de forma que contrastassem com os ambientes

---

<sup>10</sup> Genghis Khan, por exemplo. E o coronel Green, que liderou uma guerra genocida no início do século 21 na Terra. Zora, que sujeitou tribos a experiências químicas nos seus corpos em Tiburon. Kahless the Unforgettable, o Klingon que estabeleceu o padrão para tiranias de seu planeta.



da nave original. Sarantakes (2005, p. 83) escreve o seguinte sobre a Federação às avessas:

The empire is thus an example of the imperial domination that so many great powers exercised over peripheral lands — it represents everything that the Federation is not. The lighting of the scenes also helps to communicate the message: The anti-Enterprise is a dark, poorly lit place, whereas scenes aboard the original Starship are much brighter.<sup>11</sup>

Além disso, a concepção de um poder ilimitado que pretende se impor sobre as pessoas e conquistar a galáxia é diversas vezes combatido pela *Enterprise*. Em alguns episódios um único ser encarna um inimigo que deseja assumir tal condição, o que lembra a figura do Leviatã de Hobbes (2003).

Segundo Hardt e Negri (2000), enquanto a soberania europeia baseava-se na ideia da transcendência, ou seja, o poder era exercido por uma autoridade que se colocava acima do resto da sociedade, no Império a soberania é exercida de forma imanente, o controle se dá em todas as camadas sociais. Nesse sentido, em consonância com a negação das formas de soberania transcendentais, o seriado apresenta os candidatos a “leviatãs” como inimigos a serem combatidos.

Dessa forma, em *Where No Man Has Gone Before* (T1 E2) um campo de força concede fortes poderes a dois tripulantes da nave: o Tenente-comandante Gary Mitchell e a psiquiatra Dr. Elizabeth Dehner. Ambos tornam-se uma ameaça e acabam morrendo ao final do episódio.

Ainda na primeira temporada, em *Charlie X* (T 1 E 8), Charlie Evans, um adolescente que foi criado por uma raça

---

<sup>11</sup> Nossa tradução: O império é um exemplo de dominação imperial que exerce grande poder sobre terras periféricas — ele representa tudo o que a Federação não é. A luz da cena também ajuda a comunicar a mensagem: A anti-enterprise é escura, pobre, diminuída enquanto que os cenários a bordo da nave original são muito mais brilhantes.

extraterrestre, os *Thasianos*, a qual lhe concedeu enormes poderes psíquicos, embarca na *Enterprise*. *Charlie* começa a impor seus poderes aos tripulantes da nave e acaba tendo que ser devolvido aos *Thasianos*, pois se revela como uma grande ameaça para a *Enterprise*.

No episódio *And The Children Shall Lead* (T 3 E 4), crianças que são portadoras e seguidoras de uma entidade transcendental, *Gorgan*, capaz de manipular a mente alheia e que pretende dominar o universo aniquilando seus inimigos, embarcam na *Enterprise*. *Spock* afirma que sem seguidores o mal não pode se espalhar. *Kirk* consegue retirar as crianças do domínio de *Gorgan* e ele se torna inócuo.

Em *Whom Gods Destroy* (T 3 E 4), *Kirk* enfrenta um ex-capitão da *Frota Estelar*, *Garth*, que acometido de loucura deixou-se apoderar pelo desejo de conquistar o universo. O ex-capitão, em alusão às práticas imperialistas, afirma que Cesar, Napoleão e Hitler falharam, mas que ele será bem sucedido.

*Kirk*, novamente fazendo referência à chegada de uma ordem pacífica, afirma que os tempos de guerra estão superados e contrasta os desejos de *Garth* com a *Federação* a qual permite a união ao invés da guerra. Assim como o Império utiliza a paz para justificar seu controle, *Kirk* utiliza a chegada a uma era pacífica para legitimar a *Federação*. Abaixo, descrevemos sua fala:

I agree there was a time when war was necessary, and you were our greatest warrior. I studied your victory at Axanar when I was a cadet. In fact it's still required reading at the Academy. Very well. But my first visit to Axanar was as a new fledged cadet on a peace mission. They were humanitarians and statesmen, and they had a dream. A dream that

became a reality and spread throughout the stars, a dream that made Mister Spock and me brothers.<sup>12</sup>

Hardt e Negri (2000) afirmam que a noção de antiga ordem internacional europeia baseada na soberania do Estado-Nação e a sua crise inerente podem ser datadas desde o tempo das guerras napoleônicas. Além disso, os autores apresentam o surgimento das Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial como um meio termo entre a antiga ordem e a sua evolução para as estruturas globais:

De um lado, toda a estrutura conceitual da ONU baseia-se no reconhecimento e na legitimação da soberania de Estados individuais, e está portanto firmemente assentada no velho alicerce do direito internacional definido por pactos e tratados. De um outro lado, entretanto, esse processo de legitimação só é eficaz na medida em que transfere direito soberano para um verdadeiro centro supranacional. (HARDT; NEGRI, 2000, p. 23)

Hardt e Negri (2000) escrevem que posteriormente, diferente do momento de criação da ONU, o Império não mais concentra sua atenção em dinâmicas que legitimam a sua atuação, agindo apenas como se sua legitimidade já estivesse constituída. Todos os conflitos que aparecem no globo acabam por demandar uma maior autoridade central que faz necessária uma ordem supranacional. O Império, em resposta aos desejos de unificação global da multidão, não é formado com base na força, mas na capacidade de mostrar a

---

<sup>12</sup> Nossa tradução: Eu concordo que houve um momento no qual a guerra era necessária, e você era um grande guerreiro. Eu estudei sua vitória em Axanar quando era cadete. Na verdade, ainda é uma leitura obrigatória na academia. Muito bem. Mas, minha primeira visita em Axanar como cadete em formação foi numa missão pacífica. Eles eram humanitários e estadistas, ele tinham um sonho. Um sonho que virou realidade e se espalhou pelas estrelas, um sonho que fez eu e o senhor Spock irmãos.

força a serviço da paz. Tal funcionamento do Império se associa fortemente com a resposta dada por Kirk a Garth sobre a chegada a uma ordem pacífica.

Hardt e Negri (2014) afirmam que o declínio de poder das soberanias nacionais, o qual é observado na fase imperial, não significa que os Estados-nação perderam importância na configuração da ordem global, mas sim, que foram reposicionados abaixo de uma soberania supranacional. (HARDT; NEGRI, 2014). No mesmo sentido, Sassen (2003) afirma que os Estados-nação modificaram sua participação na política global a partir do crescimento da autoridade de instituições não-estatais. "My argument is that we are seeing the incipient formation of a type of authority and a state practice that entail a partial denationalizing of what had been constructed historically as national, including the exclusive territorial authority of the state."<sup>13</sup> (SASSEN, 2003, p. 242).

Também é possível averiguar um declínio da soberania dos Estados-nação e dos processos de criação de uma estrutura unitária nas organizações políticas que o seriado *Star Trek* apresenta ao encenar o futuro. Acreditamos que aparecem nessas organizações de *Star Trek* afirmações consonantes com as tendências geopolíticas abraçadas pelos Estados Unidos da América no final da década de 60 que, por sua vez, apresenta os desejos de unificação global da multidão. Dessa forma, podemos extrair novamente do seriado a presença do questionamento da ordem estabelecida naquele momento, leitura que reaviva tal objeto e o torna apto para a utilização pela história materialista numa luta em favor dos oprimidos como defende Benjamin (1987).

---

<sup>13</sup> Nossa tradução: Meu argumento (Sassen 2003) é que nós estamos vendo a formação incipiente de um tipo de autoridade e uma prática de Estado que implica uma desnacionalização parcial do que tinha sido construído historicamente como nacional, incluindo a autoridade territorial exclusiva do Estado.

O episódio *Tomorrow is Yesterday* (To1 E19), transmitido em 26 de janeiro de 1967 e escrito por Dorothy C. Fontana, apresenta um embate muito claro entre a antiga ordem imperialista e as novas possibilidades para a ordem mundial trazidas pela multidão. No episódio, a nave *Enterprise* é atirada de volta no tempo em razão de um acidente e para na órbita da Terra no ano de 1969, próximo à data de exibição do seriado. A base aérea de Nebraska detecta a presença da nave e envia um caça para interceptá-la. O capitão da *Enterprise*, *Kirk*, manda acionar um raio trator com o intuito de parar o caça. O avião não aguenta o empuxo e acaba sendo destruído. Seu piloto, *John Christopher*, é teletransportado para dentro da *Enterprise*. Num primeiro diálogo entre *Christopher* e *Kirk* é possível observar muito claramente características referentes à nova soberania imperial contemporânea.

*Christopher*, dentro da *Enterprise*, tenta entender o que está vendo a partir de seus paradigmas políticos e interpela *Kirk* se é a marinha americana que comanda a *Enterprise*:

*CHRISTOPHER*: I see. Did the Navy

*KIRK*: We're a combined service, Captain. Our authority is the United Earth Space Probe Agency.

*CHRISTOPHER*: United Earth?

*KIRK*: This is very difficult to explain. We're from your future. A time warp placed us here. It was an accident.<sup>14</sup>

Entendemos que a imagem de um futuro no qual existirá uma organização chamada de União Terrestre apresenta uma crítica ao imperialismo moderno, associada à queda da

---

<sup>14</sup> Nossa tradução:

*CHRISTOPHER*: Entendo. São da Marinha?

*KIRK*: Nós somos um serviço combinado, capitão. A nossa autoridade é a Agência de Exploração Espacial da Terra Unida.

*CHRISTOPHER*: Terra Unida?

*KIRK*: Isto é muito difícil de explicar. Somos do seu futuro. Um túnel do tempo nos colocou aqui. Foi um acidente.

soberania dos Estados-nação e a um desejo de integração mundial. As revoltas que se colocavam contra o imperialismo e o nacionalismo são assim descritas por Hardt e Negri (2000, p. 61-62):

Nesses eventos a humanidade parecia, por um instante mágico, estar unida num desejo comum de libertação, e tínhamos a impressão de enxergar, de relance, um futuro em que os modernos mecanismos de dominação seriam, de vez por todas, destruídos. As massas revoltadas, seu desejo de libertação, suas experiências com a construção de alternativas e suas instâncias de poder constituinte apontaram, em seus melhores momentos, para a internacionalização e globalização das relações, para além das divisões de mando nacional, colonial e imperial.

Assim, a união global futurística apresentada por *Star Trek* permite observar a presença dos desejos da multidão contra a organização capitalista imperialista. Acreditamos que essa concepção da Terra Unida permite, ainda que dentro dos holofotes da indústria cultural, a observação daquilo que Didi-Huberman (2011) chama de resistência contra o capital. Por outro lado, *Star Trek* apresenta a Terra Unida sob o comando da *Federação*, uma soberania que apresenta características do Império, uma reorganização do capital que se coloca contra as atuais forças transformadoras da multidão.

Um contraste entre a organização internacional moderna baseada na soberania dos Estados-nação e na soberania de escala global também pode ser observada no episódio *The Squire of Gothos* (T01 E17) escrito por Paul Schneider e dirigido por Don McDougall. A nave *Enterprise* viaja com a missão de levar mantimentos à colônia *Beta VI*. Ao se aproximarem de um planeta desconhecido, os tripulantes *Sulu* e *Kirk* desaparecem da nave e são levados para a superfície do planeta por uma força invisível. Três oficiais vão resgatar os dois tripulantes desaparecidos: *DeSalle*, *Jaeger* e *Dr. McCoy*.

Quando chegam ao planeta, encontram *Kirk* e *Sulu* no castelo de um ser alienígena que tinha o poder de alterar a matéria e a energia a sua volta, criando o mundo que quisesse. Este ser denominava a si próprio de *General Trelane* e era um grande admirador da humanidade. No entanto, como seu planeta estava a novecentos anos luz distante da Terra, ele observava o passado humano. *Trelane* tinha estátuas de grandes conquistadores como Napoleão e Alexandre Magno em sua sala de estar. Ele pede para *Kirk* contar sobre suas campanhas, batalhas e missões de conquistas. *Kirk* afirma que as suas missões são pacíficas, não de conquista; apenas lutam quando não há escolha. *Kirk* novamente traz a justificativa da paz para embasar o controle que a *Federação* exerce pela galáxia. *Trelane* começa a observar, em razão dos nomes, a nacionalidade de alguns oficiais da *Enterprise* que estão presentes. Ao falar de *DeSalle*, francês, ele afirma admirar muito Napoleão. Ao se referir à *Jeager*, alemão, cita um verso militar germânico. Os oficiais, por sua vez, demonstram não valorizar essas identidades da mesma forma que *Trelane*. Hardt e Negri (2009, e-book) afirmam que:

In the long battles against the institutions that corrupt the common, such as the family, the corporation, and the nation, we will spill no end of tears, but still we laugh. And in the struggles against capitalist exploitation, the rule of property, and the destroyers of the common through public and private control, we will suffer terribly, but still we laugh with joy.<sup>15</sup> (Grifo nosso).

---

<sup>15</sup> Nossa tradução: Nas longas batalhas contra as instituições que corrompem o comum, tais como a família, a corporação, e a nação, vamos derramar lágrimas sem fim, mas ainda iremos rir. E nas lutas contra a exploração capitalista, as regras da propriedade e as dores destruidoras do comum através do controle público e privado, vamos sofrer terrivelmente, mas ainda riremos com alegria.

Como podemos observar, mais uma vez, o seriado aponta para o desejo de superação dos nacionalismos provindos da multidão na década de 60, mas que ainda ecoam atualmente uma vez que os Estados-nação passaram a ser instrumentos do Império.

## Referências

- ANDRES, Katharina. "Fashion's final frontier": the correlation of gender roles and fashion in Star Trek. *Culture Unbound. Journal of Current Cultural Research*. v. 5, 2013. 639-649.
- BENJAMIN, Walter. *Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- ESPINOSA. *Tratado político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOULART, Woody. *Gene Roddenberry*. Disponível em: <http://woodygoulart.brandyourself.com>. Acesso em 21 jun. 2014.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Commonwealth*. Massachusetts: Harvard University Press, 2009.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã: ou a matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JEFFERSON, Thomas. United States Declaration of Independence. 1776. Disponível em: <http://www.ushistory.org/declaration/document/>. Acesso em 22 ago. 2014.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.



RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Dissensus: on politics and aesthetics*. New York: Continuum, 2010.

RODDENBERRY, Gene. *Star Trek writers/directors guide*. Paramount TV Production, 1967.

STAR TREK. Criação: Gene Roddenberry. AMZ Mídia Industrial, 2013. 23 DVDS.

VIRNO, Paolo. *Gramática da multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2002.

[Recebido: 08 de ago de 2016 — aceito: 10 de nov de 2016]